

Entrevista com o MÓ COLETIVO

Clarisse Gonçalves

O **Mó Coletivo** é formado por quatro mulheres artistas e pesquisadoras negras de origem periférica de diferentes bairros da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Somos: Carolina Rodrigues, pesquisadora de Realengo; Laís Castro, artista de Campo Grande; Mariana Maia, artista de Santa Cruz; e Mery Horta, artista de Bangu e Pedra de Guaratiba. O Mó Coletivo surge da nossa necessidade de falar sobre a performance produzida por artistas da periferia, tema tão importante para o debate na sociedade em geral, considerando que o meio das Artes Visuais ainda é tão elitizado. Criamos o Mó Coletivo em 2019 e, desde lá, realizamos grupo de estudos, o evento itinerante Mapa para cruzar fronteiras em 2019 em parceria com a Tipografia 2019 e o Festival Margem Visual: performance periférica na rede em 2021, contemplado com o edital #FomentaFestivalRJ da SECEC RJ com mais de 20 artistas periféricos do Estado do Rio de Janeiro. Ganhamos em 2021 o Prêmio Inspirar da Neoenergia como Coletivo de Arte do Estado do Rio de Janeiro que impacta a vida de mulheres negras.

@mo_coletivo

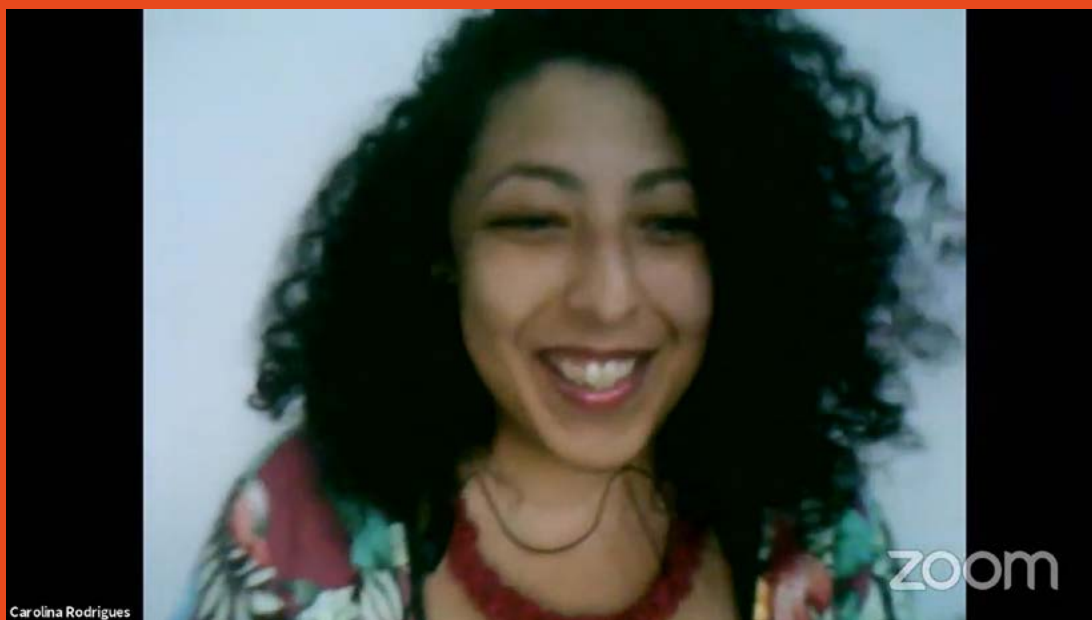
Clarisse Gonçalves

(1998). Graduação em História da Arte em andamento na UERJ. Pesquisadora e historiadora da arte situada no Rio de Janeiro. Atualmente pesquisa manifestações artísticas periféricas, negras, e afrodescendentes no estado do Rio de Janeiro. Bolsista do projeto "Mapeando Arte e Cultura Visual Periférica".

Contato: clarisgsilva2@gmail.com

Carolina Rodrigues é historiadora da arte e mestranda em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Atua de forma independente em curadoria, pesquisa e produção de exposições. Articula questões relacionadas às fronteiras do sistema da arte, relações étnico-raciais, gênero e território a partir da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Foi curadora das exposições *Autopoiese: Representação e Representatividade* (2018, Centro Cultural Phábrika), *O Artista em Construção: Cores e Formas de Rafael* (2018 e 2020, Centro Cultural Phábrika) e *Dentro, Fora, Entre: o corpo da mulher (não) é uma casa* (2019, Galeria Desvio). Também realizou a produção da exposição *Transformar, Deformar, Dissipar* (2018, Centro Cultural dos Correios) e curadoria editorial do *Caderno Especial Artes e Maternidades* (2019, Revista Desvio). Em 2021, foi curadora e realizadora dos projetos *Arte como Trabalho*, com fomento da SMC/RJ, e do 1ª Festival Margem Visual, contemplado pelo edital #FomentaFestival, pela SECEC-RJ.

@carolinarodrigues1



Laís Castro é artista da performance e arte-educadora licenciada em Dança pela UFRJ. Atualmente cursa o mestrado no Programa de Pós Graduação em Dança na UFRJ. É gestora e curadora do espaço de arte Citrus Ateliê em Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, onde propõe encontros ligados a estética periférica na arte contemporânea. Produziu e realizou a curadoria da Mostra Citrus de Dança Contemporânea (2016) no Teatro Arthur Azevedo contemplado no Edital de Ocupação dos Teatros da FUNARJ; CORPAS- Encontro de Performances de Mulheres Negras (2018) realizado na Casa Bosque (Campo Grande-RJ) e no Terreiro Contemporâneo (Centro-RJ). Foi curadora e produtora do evento itinerante Mapas para cruzar Fronteiras (2019) realizado em parceria com a Galeria Topografia. Foi arte-educadora no projeto O Despertar Artístico Periférico (2018) contemplado no Edital Arte Escola Territórios Sociais, e no projeto Curso Online de Videodança (2020).

@laiscastrodossantos



Mariana Maia é Artista Visual e trabalha principalmente com a linguagem da performance. Pesquisa arte afro-brasileira e a relação entre negritude, objetos e cor-pos femininos. Possui formação em História da Arte, com Mestrado em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Atua como professora de Artes da rede pública da cidade do Rio de Janeiro desde 2008. Realizou a exposição individual *CoroAção* (2019) na Galeria Desvio/ RJ. Nesse mesmo ano, participou também das exposições coletivas *Raiz Comum* (Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo), *O Grito* (Galeria Pence), *Rios do Rio* (Museu Histórico Nacional), *Artes Aquáticas* (Queimados). Atuou e roteirizou o filme curta metragem *CoroAção* (2019). Realizou ações artísticas em espaços como MAC - Museu de Arte Contemporânea de Niterói, MUHCAB/ RJ, Galeria Aymoré/ RJ, Casa Voa/ RJ, Teatro Espanca/ BH, Galeria Cañizares/ BA, Casa Porto/ ES.

@marianamaiaato



Mery Horta é artista, pesquisadora em artes visuais e curadora independente. Doutoranda e mestre em Poéticas Interdisciplinares pelo PPGAV EBA UFRJ. Graduada em Bacharel em Dança pela UFRJ. Em 2021 realizou a produção e curadoria do 1º Festival Margem Visual: performance periférica na rede, contemplado com o edital #FomentaFestival da Lei Aldir Blanc SECEC RJ. No mesmo ano realizou a produção e direção do espetáculo Las Pelancas contemplado pelo edital #ProduçãoCultural pela Lei Aldir Blanc SECEC RJ. Em 2019 realizou a produção e curadoria do evento itinerante “Mapas para cruzar fronteiras” com a participação de performances com diversos artistas entre os bairros do Centro, Zona Norte e Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Entre os anos de 2017 e 2020 produziu, criou e apresentou as performances: “Dos cacos às estrelas”, “Pé de Passagem”, “Farinha Cósmica”, “Brilho no Asfalto”, “Papel do Corpo” e “Piranguecer” que participaram de exposições e eventos em locais como Galeria Aymoré, Museu do Amanhã, Centro Cultural da Justiça Federal, Centro Cultural dos Correios, entre outros.

[@mery.horta](https://www.instagram.com/mery.horta)





_ Primeiramente, gostaria de parabenizar todas as integrantes do Mó Coletivo. Criar e levar adiante um coletivo é trabalho árduo coletivo, diário, mas também individual. Todas temos demandas pessoais, e o trabalho que o Mó vem realizando têm potência gigantesca. Além da força que o coletivo representa, a própria existência do mesmo é um amplificador de potências para quem trabalha com arte, principalmente na baixada e periferia. Para começarmos nossa conversa, adoraria saber como foram os primeiros anos de existência do Mó.

Para nós é um prazer participar da entrevista e termos esse espaço para falarmos um pouco de como tem sido nosso trabalho com o Mó Coletivo. Aqui falamos “nós”, pois iremos conversar por aqui em respostas que todas contribuíram, construíram juntas, uma prática que vimos estabelecendo. Somos quatro mulheres negras oriundas de bairros periféricos da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, artistas e pesquisadoras pós-graduandas em artes: Carolina Rodrigues (Realengo), Laís Castro (Campo Grande), Mariana Maia (Santa Cruz) e Mery Horta (Bangu/Pedra de Guaratiba). Desde cedo, nós tivemos que transitar pelo Rio de Janeiro entre regiões centrais e periféricas para estudarmos e trabalharmos, isso nos propiciou uma visão diferente de mundo, um alargamento e conexão entre os territórios e um conhecimento da cidade do Rio de Janeiro de forma mais ampla, para além do Centro e Zona Sul (que são uma pequena parte da cidade). Passar horas do dia no transporte público para chegar aos lugares, sendo muitas vezes a única artista negra e periférica participante de uma exposição, nos trouxe outras questões para a nossa pesquisa e criação em arte. Somando a isso, todas nós trabalhamos com performance e essa própria linguagem é extremamente desvalorizada dentro das artes visuais. Na esmagadora maioria das vezes, os artistas apresentam seus trabalhos sem receber nada em aberturas de exposições e eventos, e, como se sabe, dificilmente esses trabalhos são comercializados. As reflexões sobre a precarização da artista que trabalha com performance também nos mobilizou, e aliada às outras questões que falamos anteriormente, nos levaram a criar o Festival Margem Visual.

O Mó Coletivo foi criado em 2019 e já no primeiro ano começamos a experimentar juntas algumas práticas performáticas, pensando nessa relação entre o trânsito na cidade e as nossas corporeidades. Desde o início, era importante abrir esse diálogo sobre arte e periferia, o quanto fomos impelidas a silenciar diversas experiências nos espaços institucionalizados do fazer artístico nos quais estudamos e frequentamos. Ao final de 2019 fizemos um evento itinerante em parceria com a galeria Tipografia 219 chamado “Mapas para cruzar fronteiras”, onde reunimos diversas artistas como Ronald Duarte, Lia Imanish, Laura Samy, Leonardo Lopes, entre outras, em um percurso com intervenções que começou na galeria na Tipografia 219, na Gamboa, passando pelo trem da Central do Brasil até a estação de Benjamin do Monte, chegando ao Citrus Ateliê, em Campo Grande. Em seguida fomos tomadas por todas as questões que a pandemia trouxe e tivemos que nos reorganizar e estudar maneiras de continuidade no mundo virtual. Nesse meio tempo, realizamos um grupo de estudos que envolvia discussões decoloniais, periféricas, feministas.

Tomadas por essas questões, aliada à nossa prática e vivência, criamos o Festival Margem Visual on-line no início de 2021, onde fomos contempladas com o patrocínio do edital #FomentaFestivalRJ da SECEC RJ através da Lei Aldir Blanc e pudemos selecionar por meio de convocatória aberta e premiar 20 artistas/coletivos de arte da cidade e do Estado do Rio de Janeiro. Realizamos uma exposição com trabalhos de performance em três categorias: vídeo, foto e performance ao vivo. A primeira edição do Festival Margem Visual foi um sucesso de público e crítica, e nos mostrou a grande qualidade e variedade de trabalhos produzidos por artistas periféricas. Foram mais de 100 inscrições e tivemos um público de mais de 4.000 pessoas de 17 países em um único mês. Ainda em 2021, nós ganhamos, por meio de votação popular, o prêmio Inspirar da empresa Neoenergia como coletivo de arte do Estado do Rio de Janeiro que impacta a vida de mulheres negras.

Nesse ano de 2022, o Mó continua trabalhando e já tivemos a notícia de que fomos contempladas com o edital FOCA da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro e poderemos realizar a segunda edição do Festival Margem Visual em 2022, que dessa vez ocorrerá presencialmente, com a premiação ainda maior para cada artista/coletivo participante.

_ Existindo em um coletivo, cada integrante traz a própria força, vivência e viés artístico. Do momento de criação do coletivo até o presente, como foram essas trocas e contribuições?

Cada integrante do Mó Coletivo possui sua pesquisa artística-curatorial individual, mas todas possuem como elo de ligação questões relacionadas a ser mulher, periférica e a inserção nas artes visuais, meio até hoje elitizado. Esse elo nos levou a trazer nossas contribuições individuais para o coletivo, e cada perspectiva contribui para a riqueza das nossas discussões. Tudo é fruto de muito debate, sempre atentas às contradições e desafios de trazer uma visão plural sobre nossas práticas em arte.

O dado mais interessante nisso tudo é que fazemos parte de um grupo social que costuma ser encarado como homogêneo pela visão hegemônica, que invisibiliza nossas particularidades e subjetividades. A demarcação de nossas diferenças dentro do grupo, mesmo permeadas por tantas questões em comum, nos fortalece enquanto sujeitas que podem falar em primeira pessoa, rejeitando o papel de objetos de pesquisa. Ter essa consciência é algo que influencia muito no nosso olhar sobre a produção de outros artistas com origens parecidas com as nossas, inspirando nosso processo curatorial.

O momento em que realizamos a curadoria do Festival Margem Visual é instigante e ao mesmo tempo uma grande responsabilidade, tendo em vista que os limites da arte da performance estão em constante construção. Isso nos leva a uma reflexão atualizada da arte contemporânea, pensando sobre as complexidades de artistas periféricas que possuem poucos recursos financeiros e realizam trabalhos de alta qualidade estética e conceitual.

_ Atualmente o coletivo tem quatro participantes, como é para cada uma de vocês participar desse projeto e como vocês acreditam que a existência do coletivo as faz crescer enquanto artistas?

A sociedade patriarcal incentiva a competição entre mulheres. A lógica do capital é historicamente desumana. A escravidão no Brasil estabeleceu um papel para a mulher negra que se faz sentir até hoje. O mundo elitizado da arte não nos recebe com facilidade. Nossa maior fortaleza é um profundo sentimento de respeito e admiração mútua. Enquanto coletivo de mulheres, com uma vivência periférica e racializada, procuramos entender a complexidade da vida de cada uma para além do trabalho com pesquisa e arte. Carolina é mãe. Mariana e Laís são professoras. Mery é passista. E muito mais. Ficamos felizes com as conquistas pessoais de cada uma e nos apoiamos. Somente assim conseguimos a energia necessária para concretizar cada um dos nossos projetos, que são audaciosos para esse mundo da arte que tem dificuldade de enxergar a potência de artistas mulheres negras.

O Mó Coletivo é um espaço de encontro, de encruzilhada de ideias e ações que moravam no desejo de cada uma de nós e que a partir do momento em que estamos juntas, passam a existir no mundo. Quando se vem de um lugar e uma família humilde, se aprende desde cedo a olhar em volta, não se limitar às questões individuais, e nós sentimos que essa nossa visão para o coletivo, para a comunidade, se faz necessária para quebrar alguns estereótipos das artes visuais. De acordo com a lógica do pensamento cartesiano, amplamente presente neste meio, o artista precisa trabalhar sozinho, em seu ateliê, realizar suas exposições individuais, ponto. Nossa proposição é uma inversão dessa lógica, até porque a construção da nossa intelectualidade se faz a partir de epistemologias que se contrapõem a essa noção de indivíduo, como as afro-diaspóricas e ameríndias.

Não vamos ser hipócritas de falar que o trabalho individual não é importante, pelo contrário, cada uma de nós continua realizando seus trabalhos em paralelo ao Mó Coletivo, o que não nos impede de olhar para um panorama mais amplo na arte contemporânea que ainda se faz excludente com artistas negres, periféricas. Nesse sentido, só sentimos que nossos trabalhos fazem sentido se encarados a partir de um movimento de reivindicação da visibilidade e legitimidade da arte de grupos historicamente marginalizados. Por produzirmos em constante diálogo e apoio mútuo, os trabalhos individuais também são afetados por esse todo, ou seja, não seriam os mesmos sem as vivências que compartilhamos.

Somamos a tudo isso, o fato de que quando exercemos o trabalho de curadoria, somamos a essa experiência da criação poética. Além de todas as outras identificações de caráter racial, territorial ou socioeconômico, também temos como distinção, as características de um trabalho curatorial de curadoras-artistas, que entendem os processos a partir desse lugar, com o cuidado de não expor artistas a questões indesejáveis, de remunerar pelo trabalho realizado, ter sempre uma cordialidade no tratamento, de oferecer protagonismo e ampliar a visibilidade desses trabalhadores da arte.

_ Todas as integrantes são residentes, ou tem origem na Baixada e Zona Oeste. Ambos lugares de grande expressividade, com inúmeras variações, agentes e linguagens artísticas. O Mó tem junto diversas características de diversas geografias. Ao trabalhar coletivamente, como vocês enxergam a consolidação dessas multiplicidades?

Todas nós temos origem em diferentes bairros da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, porém também trabalhamos na Baixada, e em outras regiões periféricas do Estado do Rio. Na equipe do Mó, quando realizamos o Festival Margem Visual, trabalhamos com pessoas oriundas da Baixada Fluminense e de outros territórios considerados periféricos, o que nos ajuda a pensar e discutir questões de outras localidades.

Nosso trabalho não vai no sentido de homogeneizar o que é ser das periferias, pelo contrário, nos dispomos a ver, ouvir, entender minimamente as peculiaridades que fazem de cada localidade uma potência em sua diversidade. Acreditamos que a maior expressão dessas ideias ocorre justamente no Festival, pois através dele, conseguimos ocupar um projeto inteiro com qualidade e pluralidade artística, contemplando somente artistas oriundas dessas regiões, principalmente racializadas.

Se contarmos quantos artistas negres, por exemplo, participam de uma exposição coletiva em uma galeria e comparar com a porcentagem de negres do Brasil, veremos o quão gritante ainda é essa defasagem, e insistimos, essa defasagem não existe pela falta de produção artística desses grupos sociais, mas sim pela ausência de oportunidades nesse meio ainda tão elitizado. São raríssimas as exceções. E ainda existe uma prática predatória de promover a entrada dessas pessoas apenas como a cota da galeria, do museu ou do evento, de forma vazia e deslocada. Nossa ideia é justamente fazer com que tenhamos um espaço de arte legitimado que seja inteiramente ocupado por pessoas periféricas e racializadas, privilegiando esse potencial criativo que vem se desenvolvendo com enorme qualidade, mas que é ignorado por essas questões estruturais.

_ Integrar um coletivo independente nem sempre são flores. Existe muito trabalho por trás de cada acontecimento, evento e realização. Durante os anos, quais os maiores obstáculos enfrentados?

Nós sonhamos muito e sonhos grandes...rs. Temos trabalhado incessantemente para manter o funcionamento do Mó Coletivo, para visibilizar os nossos trabalhos e o de outros artistas e coletivos periféricos. Temos muitos projetos no papel, totalmente estruturados, que dependem de financiamento para existir, sendo esse um dos maiores obstáculos. Outra questão é que o coletivo ainda não se constitui como fonte de sustento das integrantes, que precisam conciliar essas atividades com seus trabalhos, muitas vezes em tempo integral e longe de casa. Sendo assim, fazer nossos projetos acontecerem exige muito esforço e dedicação de cada uma de nós.

No entanto, estamos felizes de conseguirmos dar continuidade ao Festival Margem Visual, que vai para a sua segunda edição agora em 2022, e teremos, ainda este ano a primeira exposição com o trabalho das artistas integrantes do Mó Coletivo - Laís Castro, Mariana Maia e Mery Horta - com curadoria de Carolina Rodrigues, que acontecerá na rede SESC RJ, no SESC Duque de Caxias. Alguns desses trabalhos são inéditos e compõem conexões entre as pesquisas de cada uma das artistas, nos consolidando enquanto coletivo artístico.

Ver nossos projetos reverberarem é algo que nos ajuda a superar muitos obstáculos. Muitas artistas conseguiram ter maior reconhecimento dos seus trabalhos a partir do Festival e, logo depois, passaram a figurar em exposições em todo o Brasil, participar de residências artísticas e aprofundar sua produção a partir das trocas que tivemos. Acreditamos que esse é o nosso maior objetivo, e isso compensa todas as dificuldades que possamos enfrentar.



LISTA DE EVENTOS, EXPOSIÇÕES E PARTICIPAÇÕES:

Mapas para cruzar fronteiras - 2019 - Curadoria, produção e trabalhos artísticos.

Parceria com a Tipografia 219 e participação de diversos artistas como Lia Imanish, Ronald Duarte, Leonardo Lopes, Laura Samy, entre outros. O evento que teve caráter itinerante, com trabalhos apresentados ao longo do percurso que teve início na Tipografia 219 no Centro da cidade, passando pelo trem da Central do Brasil até a estação de Benjamin do Monte, continuando no Citrus Ateliê no bairro de Campo Grande.

Festival Margem Visual: Performance periférica na rede - 2021 - Curadoria, produção e trabalhos artísticos.

O Mó Coletivo foi contemplado com o edital #FomentaFestivalRJ da SECEC RJ realizando a primeira edição do Festival Margem Visual 100% on-line, selecionando 20 artistas/coletivos de arte periféricos do Estado do Rio de Janeiro por meio de convocatória aberta e gratuita, premiando com 500,00 reais cada trabalho participante do evento nas categorias de videoperformance, fotoperformance e performance ao vivo. O festival foi sucesso de público e crítica tendo alcançado mais de 4.000 pessoas de 17 países em um único mês.

Prêmio Inspirar - 2021 - Premiação

Em 2021 o Mó Coletivo foi premiado em dinheiro pela Neoenergia com o Inspirar como Coletivo de Arte do Estado do Rio de Janeiro que impacta a vida de mulheres negras.

2º Festival Margem Visual: Performance periférica - 2022.

Em 2022 o Mó Coletivo realizou a segunda edição do Festival Margem Visual, dessa vez de modo presencial. Contemplado com o edital FOCA da Secretaria de Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro, o festival contou com a participação de artistas periféricos da cidade do Rio de Janeiro, que trabalham com performance, selecionados por meio de convocatória aberta e gratuita, sendo tais artistas premiados com 1.000 reais.